



2ª Jornada de Psicologia Hospitalar do HCPA

Psicologia Hospitalar
na alta complexidade

Data: 20 e 21 de outubro de 2017

Local: Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Temas principais

- ✓ Psicologia Hospitalar na alta complexidade e qualidade assistencial
- ✓ Avaliação psicológica em transplantes
- ✓ Comunicação de diagnósticos e intervenção psicológica
- ✓ Cuidados paliativos e terminalidade
- ✓ Desospitalização de pacientes com necessidade de uso de tecnologias médicas



HOSPITAL DE
CLÍNICAS
PORTO ALEGRE RS

SERVIÇO DE
PSICOLOGIA

RELATO DE CASO ÚNICO/ ESTUDO DE CASO ÚNICO

HERANÇAS TRANSGERACIONAIS NA FAMÍLIA

Ruy Gonçalves Marins, Márcia Franco, Jaqueline de Avila Freitas - Faculdades INEDI-CESUCA

O presente artigo trata-se de uma experiência de estágio profissional de psicologia em hospital, no período de janeiro a maio de 2017, tratando-se de um estudo de caso fundamentado através do viés da Terapia Sistêmica. Os atendimentos a paciente ocorreram no Hospital Dia da referida instituição. A mesma foi encaminhada para terapia por meio do ambulatório de Pré-Natal de Alto Risco, uma vez que apresentou sintomas depressivos. O objetivo do estudo foi o de averiguar o quanto a herança transgeracional, ou seja, às crenças e valores herdados dos pais pode gerar sofrimento. Percebe-se através desse estudo o quanto a família pode influenciar comportamentos do indivíduo, de maneira positiva e negativa. A paciente no decorrer do tratamento tem insights, e consegue ressignificar a relação com o companheiro entendendo que repetia alguns padrões de comportamento vivenciado pelo seus pais. Palavras-chaves: ansiedade, transgeracionalidade, família

A PSICODINÂMICA DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: A CRIANÇA EM FOCO

Ana Caroline Roehrs Santana, Grazielle Testa Dulus, Jéssica Sartori Ribeiro, Priscila Schonarth e Anete Wajnberg Fadel - HPS-POA

Atualmente, muitas crianças são vítimas de violência intrafamiliar no Brasil, tornando-se um problema de saúde pública. Este trabalho apresenta um estudo de caso de uma criança que esteve internada em um Hospital de Pronto Socorro devido a uma queda ao solo evoluindo para óbito em um período de três dias. Realizou-se uma entrevista semiestruturada com a genitora sobre aspectos relacionados a história de vida, ambiente familiar, avaliação da história do trauma, identificação de fatores de risco e proteção e de estilos parentais. Em reunião com a equipe transdisciplinar, discutiu-se sobre a incompatibilidade das lesões com o discurso relatado pela mãe. Constatou-se que o paciente foi vítima de negligência e maus tratos. Os fatores encontrados na família colocam o paciente em situação de risco no contexto do desenvolvimento biopsicossocial, como violência conjugal (com a repetição de relações conjugais agressivas), abuso sexual, gravidez indesejada e estilo parental negligente/passivo da mãe e autoritário e agressivo do pai. No intuito de uma maior proteção foram identificados, na mãe, o desejo de mudar a situação familiar, valores morais e espirituais. A presença dos fatores de risco se tornam causa e consequência das relações vividas. A análise e a discussão do caso ocorreram através da Teoria de Intervenção em Crise, trabalhando com a agudização do sofrimento, investindo em seu potencial transformador e criativo, bem como priorizar os fatores de proteção, intensificando a rede de apoio social familiar. Palavras-chaves: criança, violência, trauma, crise, psicologia

A ESQUIZOFRENIA NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO EM CONTEXTO DE INTERNAÇÃO PSQUIÁTRICA

Amanda Raffin Buffon e Marina Raffin Buffon - PUCRS e UFRGS

Introdução: Este estudo explora o caso clínico de uma adolescente de 15 anos, sob identificação de MS. A esquizofrenia é uma doença mental crônica, que leva a distorções no pensamento, no comportamento, na percepção e emoções. Normalmente se apresenta na adolescência ou no início da idade adulta. Quando acomete crianças e adolescentes a doença altera seu desenvolvimento e manifesta-se em todos seus domínios – cognitivo afetivo e social. Objetivo: Avaliar sinais e sintomas de uma paciente adolescente internada em uma clínica de reabilitação com base nos critérios diagnósticos do DSM V. Método: Trata-se de um trabalho qualitativo descritivo, do tipo estudo de caso. O mesmo foi realizado em uma clínica de reabilitação na cidade de Alvorada no período de seis meses no ano de 2014. O estudo teve como amostra uma paciente de 15 anos com a hipótese diagnóstica de esquizofrenia. Os dados foram analisados por meio de entrevistas com a paciente e com a mãe, consultas aos registros de prontuário de papel e observações. Resultados: MS paciente do sexo feminino, branca, adolescente com 15 anos, na 8ª série do ensino fundamental. MS foi internada no dia 1 de maio 2014 na clínica Libertad em Alvorada. Foi encaminhada pelo SUE Gravataí com queixas de agressividade, insônia e alucinações. No decorrer de sua estadia MS manteve afeto embotado com poucas expressões faciais e emocionais e pouco cuidado higiênico, por vezes acreditava que estava morrendo e que seu coração estava saindo de dentro do seu corpo e outras vezes dizia que havia sido roubado. Dizia sentir muito medo do escuro, por que “coisas saíam da parede”. Relatava sentir coisas dentro de seu corpo e que essas sensações desciam pelas suas pernas queimando, dizia: “isso (sensações) é do demônio eu sou de deus”. Na clínica foi acompanhada pela equipe de enfermagem, recebeu atendimentos psiquiátrico e psicológico,

apresentando melhora no quadro clínico ao decorrer do tratamento. Conclusão: A partir do estudo de caso da paciente MS pode-se corroborar com o diagnóstico inicial de esquizofrenia, segundo critérios diagnósticos do DSM V. O prognóstico desfavorável devido ao seu contexto debilitante levou ao encaminhamento da menina a serviços de saúde como CAPS I, para continuidade do tratamento. Palavras-chaves: esquizofrenia e adolescência, hipótese diagnóstica, estudo de caso

TRANSPLANTE DE CÉLULAS-TRONCO HEMATOPOÉTICAS E DEFICIÊNCIA AUDITIVA SEVERA: SUPERANDO A BARREIRA LINGUÍSTICA ATRAVÉS DO TRABALHO EM EQUIPE.

Cássia Linhares Pacheco, Cristiane Olmos Grings, Genevieve Lopes Pedebos, Liane Esteves Daudt e Fernanda Fetter Scherer - HCPA

O Transplante de Células-Tronco Hematopoéticas (TCTH) é uma modalidade de tratamento utilizada para diversas doenças hematológicas, oferecendo grande potencial de cura, contudo com alta morbimortalidade associada. É um procedimento complexo, realizado em unidade de ambiente protegido, com diversas restrições e passível de complicações a curto e a longo prazo. Dessa forma, a comunicação entre equipe-paciente-família se faz essencial tanto pela necessidade de que o paciente expresse ideias, sensações e sentimentos, como também para apropriá-lo e responsabilizá-lo em seu tratamento. O caso a ser discutido trata-se de uma paciente de nove anos, sexo feminino, com diagnóstico onco-hematológico, internada para a realização do TCTH. Além disso, a paciente apresenta deficiência auditiva severa e encontra-se em processo de aquisição linguística na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), contudo seus pais não se comunicam com a filha por LIBRAS, utilizando-se de gestos peculiares. O objetivo deste trabalho consiste em relatar o caso de uma paciente com deficiência auditiva severa em processo de TCTH e discutir o papel da Psicologia e do Serviço Social na assistência. Trata-se de um relato de caso único. As informações foram obtidas através de entrevistas, discussões de equipe e prontuário. A barreira linguística neste caso apresentou-se como um entrave no diálogo com a paciente, visto que, apesar do hospital oferecer uma lista de voluntários para apoio linguístico, houve necessidade de pensar em estratégias alternativas que viabilizassem uma comunicação continuada e específica neste cenário. A história familiar foi permeada por importantes dificuldades de ordem psicológica e social, as quais interferiram na disponibilidade dos pais a aprenderem LIBRAS, não sendo possível sua mediação na interação com a paciente. O papel da Psicologia e do Serviço Social foi promover uma reflexão empática e contextualizada das dificuldades familiares uma comunicação mais efetiva com a família. Como produto das discussões, idealizaram e elaboraram uma ferramenta para viabilizar a interação com a menina, a “Caixa de Comunicação”, a qual facilitou a comunicação e contribuiu como ponte afetiva entre paciente e família. A discussão deste tema se faz pertinente pois a comunicação, além de consistir em uma das metas internacionais de segurança do paciente, promove maior implicação do mesmo em seu tratamento.

*Há autorização da família para o uso das informações. Palavras-chave: comunicação, TCTH, equipe multiprofissional.

PESQUISA

MANEJO DA RAIVA COM ENFOQUE NA PREVENÇÃO À RECAÍDA NO TRATAMENTO DE USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Helen Vargas Laitano e Félix Henrique Paim Kessler - HCPA

O descontrole da emoção raiva tem sido descrito na literatura como um dos fatores que pode provocar a violação da abstinência para usuários de substâncias em tratamento. Nesse sentido, técnicas de gerenciamento da raiva já têm sido utilizadas em outros países como parte de programas de reabilitação, sendo o “Anger Management for Substance Abuse and Mental Health”, um dos principais protocolos de intervenção em manejo da raiva destinados especificamente ao tratamento de transtorno por uso de substâncias. Busca-se apresentar o trabalho realizado no contexto do Mestrado Profissional em Prevenção e Assistência a Usuários de Álcool e Outras Drogas do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, onde propôs-se a tradução e adaptação do manual referido para a cultura brasileira. A técnica foi aplicada em um grupo terapêutico. Os objetivos do estudo foram a tradução dos manuais do participante e coordenador do protocolo mencionado do inglês para o português, avaliação da compreensão da intervenção por pacientes em tratamento e adaptação da técnica para a cultura brasileira. Como método trata-se de um estudo transversal realizado entre dezembro de 2015 a novembro de 2016, onde em uma primeira etapa realizou-se tradução dos manuais para a língua portuguesa falada no Brasil. Em um segundo momento, formou-se um grupo de pacientes atendidos no Ambulatório de Adição do Hospital de Clínicas de Porto Alegre com o objetivo de participarem da intervenção visando a adaptação transcultural do protocolo. Ao final de cada grupo os participantes realizavam uma avaliação parcial escrita sobre o conteúdo da sessão e com sugestões de melhoria da técnica e das intervenções. Os resultados apontaram que, de acordo com as diretrizes propostas na literatura, esta adaptação transcultural enfatizou a equivalência semântica, ao invés da tradução literal dos termos. O objetivo foi expressar conceitos de maneira que façam sentido à nova população-alvo. A verbalização dos pacientes de forma escrita evidenciou a necessidade de haver mais espaços para discussão e diminuição da parte teórica. Os participantes relataram benefício em participar do grupo, no sentido de encontrar formas de lidar com o descontrole da raiva e prevenir a recaída. Ainda há necessidade de continuar a adaptação do material para a realidade sociocultural dos pacientes atendidos. Palavras-chaves: manejo da raiva, transtorno por uso de substâncias, grupo de tratamento.

LUTO ANTECIPATÓRIO NO CONTEXTO HOSPITALAR: O TRABALHO DO PSICÓLOGO NO MOMENTO DA DESPEDIDA

Silvia Pereira da Cruz Benetti e Saionara da Silva Reichert - Unisinos

A morte é um assunto amplamente discutido na literatura, sendo considerada um momento de crise para as famílias enlutadas. Dessa forma, o suporte psicológico durante o processo de construção de uma despedida mostra-se cada vez mais necessário, principalmente no contexto hospitalar. Este trabalho se propõe a conhecer a percepção das famílias a respeito do atendimento psicológico que receberam durante a internação e despedida do seu ente querido e perceber quais os principais recursos utilizados por essas famílias para superar esse momento. A pesquisa foi realizada em parceria com o Hospital Mãe de Deus, através da análise minuciosa do protocolo de acompanhamento pós-óbito no qual o terapeuta registra o que foi dito pelo familiar contatado a respeito do atendimento psicológico recebido durante a internação do paciente. Os dados foram analisados qualitativamente através da análise de conteúdo, constatando-se que as famílias que receberam acompanhamento psicológico durante a internação do paciente reconhecem a importância desses atendimentos e referem sentimentos de amparo e cuidado. A ausência de um profissional da psicologia no momento da notícia do óbito e da despedida final, por outro lado, foi levantada pelos familiares como ponto negativo. Os principais recursos utilizados pelas famílias foram a percepção do sofrimento do familiar doente e a fé, que auxilia a significar a perda sofrida. O estudo aponta para a importância do atendimento psicológico na internação, mas possui limitações metodológicas, recomendando-se mais investigações na área para aprofundar a reflexão sobre o tema e a conscientização da importância do psicólogo dentro das unidades de tratamento intensivo. Palavras-chaves: luto, psicologia, família

UM OLHAR SOBRE A AMAMENTAÇÃO DE RECÉM-NASCIDOS PREMATUROS

Marina Camargo Barth, Carla Thamires Rodriguez Castelli e Daniela Centenaro Levandowski - UFCSPA

Introdução: Os recém-nascidos prematuros (RNPT) apresentam um risco maior de adoecer devido à imaturidade dos seus sistemas e à baixa imunidade. O aleitamento materno protege a saúde desses bebês, provendo uma nutrição de qualidade e um desenvolvimento adequado. Porém, devido às suas particularidades, os RNPT possuem maior dificuldade para se alimentar. Objetivo: Avaliar a amamentação de RNPT e identificar os aspectos mais difíceis dessa prática. Método: Estudo transversal em duas Unidades de Terapia Intensiva de hospitais de Porto Alegre, com aprovação do CEP das instituições. O Protocolo de Avaliação da Amamentação do RNPT, que avalia as condições da mãe e do bebê em relação ao aleitamento, foi aplicado em 50 mães de RNPT. A aplicação ocorreu no momento da alta hospitalar e através de uma avaliação presencial com a mãe feita por uma fonoaudióloga. O protocolo possui, além de alguns dados de identificação do bebê, sete quadros/categorias que avaliam diferentes itens, cada um com sua pontuação específica. Resultados: Verificou-se a média de cada categoria, sendo elas: 1) aspectos relacionados

à mama (pontuação máxima: 10; M=8,50 e DP=1,13); 2) reflexos de procura do RN (pontuação máxima: 2; M=1,52 e DP=0,86); 3) sinais de vínculo mãe/RN (pontuação máxima: 10; M=8,80 e DP=1,20); 4) posição mãe/RN durante mamada (pontuação máxima: 16; M=11,36 e DP=2,84); 5) condições de pega do RN ao peito (pontuação máxima: 8; M=6,34 e DP=1,59); 6) condições de ordenha do RN ao peito (pontuação máxima: 8; M=7,18 e DP=1,02); 7) classificação final da mamada (pontuação máxima: 8; M=6,38 e DP=1,28). Das categorias avaliadas, três apresentaram suas médias bem abaixo da pontuação máxima: quadro 1 (avalia aspectos referentes à mama: anatomia dos mamilos, ejeção do leite e dor), quadro 4 (posição do RN durante a mamada, com itens como: conforto da mãe, distância do RN e modo de segurar a mama), quadro 5 (condições de pega do RN ao peito, com os aspectos avaliados: queixo e boca do RN, etc.), e quadro 7 (relacionado à classificação final da mamada: condições do peito e do mamilo, comportamento do bebê no final da mamada). Conclusões: Considera-se que os aspectos avaliados são fundamentais para uma mamada eficaz. Devido às dificuldades encontradas, torna-se essencial um olhar atento dos profissionais da saúde para orientar as mães de RNPT em relação à amamentação de seus filhos. Palavras-chaves: aleitamento materno, avaliação, prematuros

PERFIL NEUROPSICOLÓGICO DE ADULTOS COM LESÃO CEREBROVASCULAR NO HEMISFÉRIO ESQUERDO

Luciene Lima dos Santos Garay, Denise Ren da Fontoura, Jerusa Fumagalli de Salles e Jaqueline de Carvalho Rodrigues - UFRGS

Introdução: A Neuropsicologia é uma ciência que busca estabelecer uma relação entre o funcionamento cerebral e as funções cognitivas. A partir de experimentos com pacientes afásicos surgiram as primeiras evidências sobre a diferença funcional entre os hemisférios cerebrais. O presente trabalho visa contribuir para os estudos sobre a especialização hemisférica, analisando alterações neuropsicológicas em adultos com lesão cerebral unilateral. **Objetivo:** Este trabalho pretende analisar as alterações neuropsicológicas em adultos que sofreram acidente vascular cerebral (AVC) no hemisfério esquerdo. **Método:** Foram avaliados 38 adultos com episódio prévio de lesão no hemisfério esquerdo (LHE) e 45 adultos neurologicamente saudáveis através do Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve para Afásicos Expressivos NEUPSILIN-Af que avalia oito funções neuropsicológicas principais, divididas em 32 tarefas. Posteriormente, foi realizada análise de frequência do desempenho dos participantes, seguida de comparações dos grupos por meio de análise de variância (ANOVA), com post hoc Tukey, com nível de significância igual a 0,05. **Resultado:** O grupo com LHE apresentou um pior desempenho nas tarefas de orientação têmporo-espacial, atenção, memória de trabalho, memória verbal episódica semântica, habilidades aritméticas, linguagem oral e escrita, praxia construtiva e reflexiva e funções executivas. Entretanto não apresentou uma diferença significativa nos resultado de tarefas específicas como: percepção, evocação tardia e reconhecimento, escrita copiada, praxia ideomotora e resolução de problemas. **Conclusão:** O NEUPSILIN-Af demonstrou diferenciar o perfil neuropsicológico de pacientes com LHE e saudáveis. Seus resultados corroboraram dados sobre a especialização hemisférica descritos na literatura, demonstrando que a LHE impacta significativamente em habilidades neuropsicológicas importantes para a independência funcional. Palavras-chaves: avaliação neuropsicológica, acidente vascular cerebral, especialização hemisférica

PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE SOBRE A PRÁTICA DE CUIDADOS PALIATIVOS NO AMBIENTE HOSPITALAR

Denise Fabiane Polonio e Suzana Feldens Schwertner - Univates

Introdução: A prática de Cuidados Paliativos propõe um conceito de cuidar focado no cuidado e não na cura definitiva do paciente, um cuidado total com o sujeito cuja doença não responde mais ao tratamento. Ela possibilita qualidade de vida no momento de finitude, proporcionando momentos de conforto, alívio e controle dos sintomas, suporte espiritual e apoio no processo de enlutamento. **Objetivos:** Buscou-se investigar como a prática de Cuidados Paliativos é entendida pelos profissionais e identificar estratégias de cuidado utilizadas no atendimento a pacientes com diagnóstico de doença sem possibilidade de cura. A pesquisa foi submetida ao Centro de Ensino e Pesquisa do hospital participante e ao Comitê de Ética e Pesquisa da Univates (CAAE 41733614.0.0000.5310). **Métodos:** Foram realizadas, em 2015, entrevistas individuais semiestruturadas com seis profissionais enfermeiras e técnicas de Enfermagem que trabalham em um hospital da Região do Vale do Taquari. Os dados foram discutidos utilizando o método de Análise de Conteúdo. **Resultados:** Os resultados demonstram que as profissionais entrevistadas compreendem os Cuidados Paliativos como um conjunto de estratégias de cuidado, que contempla um cuidado intensificado para além de suas práticas diárias. Para elas, essas estratégias se referem a ações que fortalecem a autonomia e o bem-estar do sujeito doente, possibilitando acolhimento para o paciente e seus familiares. Além de um cuidado mais humanizado, alívio da dor, suporte às demandas dos pacientes e seus familiares, amenização de sintomas presentes no contexto e medidas de conforto. Foi possível perceber, nas entrevistas, que elas buscam implementar esse cuidado, porém devido à falta de conhecimento da prática de Cuidados Paliativos de alguns colegas de profissão, percebem que suas ações resultam em cuidado fragmentado e não integral do paciente. Ainda, tais profissionais destacam resistência de colegas de trabalho quanto à implementação dos CP, interferindo na compreensão e adesão da mesma. **Conclusão:** Foi possível perceber que a implementação da prática de Cuidados Paliativos se apresenta como um desafio para as profissionais. Diante de tais resultados, enfatiza-se a importância

da criação, por parte do Sistema Único de Saúde (SUS), de uma política nacional de implementação dos Cuidados Paliativos no ambiente hospitalar, que normatize esse cuidado como uma prática cotidiana dos profissionais. Palavras-chaves: cuidados paliativos, ambiente hospitalar, equipe de saúde

CONVERSANDO COM CRIANÇAS SOBRE A MORTE: LITERATURA INFANTIL COMO UM RECURSO TERAPÊUTICO

Jaqueline Maria Conrad e Suzana Feldens Schwertner -

Introdução: Este trabalho parte de um Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia intitulado “Contando histórias sobre a morte”. Compreende-se que desde o início da vida iremos lidar com perdas e elas serão inúmeras durante nossa trajetória, sejam elas reais (morte) ou simbólicas (mudanças). Percebe-se que, diante das dúvidas e questionamentos das crianças, uma atitude comum dos adultos é o silêncio, que é inibidor para as crianças, não permitindo que as mesmas expressem seus medos e fantasias. Um dos modos de se abordar o tema pode ser a literatura infantil: as histórias auxiliam a esclarecer as dúvidas das crianças. Dessa forma, busca-se responder: Como os livros indicados no Projeto Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) abordam o tema da morte? **Objetivos:** Analisar como o tema da morte é abordado nos livros infantis do PNBE. **Métodos:** Entre os 150 livros recomendados para Educação Infantil (0 a 3 anos, 4 e 5 anos) e Séries Iniciais do Ensino Fundamental da lista do PNBE de 2014, chegou-se a três livros que abordam o tema da morte como parte do ciclo vital. Para análise dos dados utilizou-se a Análise Textual Discursiva. **Resultados:** Foram encontrados três livros com narrativas, personagens, cenários, linguagens diferentes; mas todos eles apresentam nas suas histórias perdas reais: Era uma vez três velhinhas..., de Anna Claudia Ramos e ilustrado por Alexandre Alexandre Rampaz; Irmã-Estrela, de Alain Mabanckou com ilustração de Judith Gueyfier; e Fumaça, escrito por Antón Fortes e ilustrado por Joana Concejo. A morte foi apresentada em cada um desses livros por meio de histórias como perda de familiares e experiência em um campo de refugiados de guerra. Dois livros apresentam recursos terapêuticos para auxiliarem as crianças, sugerindo a elaboração do luto por meio de lembranças nos momentos de saudades e de uma suposta missão que o ente familiar fora cumprir em outro lugar. O céu é mencionado nas três histórias como o destino dos mortos. **Conclusões:** Torna-se importante conhecer histórias que possam ser acessadas para conversar com uma criança sobre a temática da morte, ouvir irá ajudá-la na elaboração e amadurecimento através das sugestões simbólicas que os livros apresentam para que a mesma supere o luto. Não é necessário esperar que a criança esteja enfrentando um luto para então falar sobre o tema da morte: o assunto pode ser introduzido quando a criança ainda é pequena, nesse momento as histórias tornam-se um recurso potente para abordar a temática. Palavras-chaves: morte, crianças, literatura infantil

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO MANUAL DE MANEJO DA RAIVA COM FOCO EM PREVENÇÃO DE RECAÍDA PARA USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Helen Vargas Laitano e Félix Henrique Paim Kessler - HCPA

O descontrole da emoção raiva tem sido descrito na literatura como um dos fatores que pode provocar a violação da abstinência para usuários de substâncias em tratamento. Nesse sentido, técnicas de gerenciamento da raiva já têm sido utilizadas em outros países como parte de programas de reabilitação, sendo o “Anger Management for Substance Abuse and Mental Health”, um dos principais protocolos de intervenção em manejo da raiva destinados especificamente ao tratamento de transtorno por uso de substâncias. Busca-se apresentar o trabalho realizado no contexto do Mestrado Profissional em Prevenção e Assistência a usuários de álcool e outras drogas do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, onde propôs-se a tradução e adaptação do manual referido para a cultura brasileira, desenvolvendo-se um grupo terapêutico para aplicação da técnica. **Objetivo:** Tradução dos manuais do participante e coordenador de gerenciamento da raiva para usuários de substâncias psicoativas do inglês o português, avaliação da compreensão da intervenção por pacientes em tratamento e adaptação da técnica para a cultura brasileira. **Método:** Estudo transversal realizado entre dezembro de 2015 a novembro de 2016, que envolveu a adaptação cultural da técnica cognitivo comportamental de manejo da raiva. Na primeira etapa realizou-se tradução dos manuais para a língua portuguesa falada no Brasil. Em um segundo momento, formou-se um grupo de pacientes atendidos no Ambulatório de Adição do Hospital de Clínicas de Porto Alegre com o objetivo de participarem da intervenção visando a adaptação transcultural do protocolo. Seguiu-se a temática estabelecida no protocolo com as sessões: Visão geral do tratamento da raiva; Eventos e pistas; Plano de controle da raiva; Ciclo da agressão; Reestruturação cognitiva; Revisão de conceitos; Treino de assertividade; Modelo de resolução de problemas; Raiva e Família; Fechamento e entrega de certificado. **Resultados:** De acordo com as diretrizes propostas na literatura esta adaptação transcultural enfatizou a equivalência semântica, ao invés da tradução literal dos termos. **Conclusões:** Os participantes relataram benefício em participar do grupo, no sentido de aprenderem técnicas relevantes para o controle da raiva, contribuindo para a prevenção da recaída. Ainda há necessidade de adaptar o material para a realidade sociocultural dos pacientes atendidos. Palavras-chaves: manejo da raiva, transtorno por uso de substâncias, grupo de tratamento

PERCEPÇÕES DE MÃES COM FUNCIONAMENTO ALEXITÍMICO SOBRE A MATERNIDADE E O BEBÊ COM SINTOMA SOMÁTICO FUNCIONAL

Luciana Letícia Stein e Tagma Donelli - Unisinos

Mães com funcionamento alexitímico possuem dificuldade em descrever e nomear seus próprios sentimentos e, por consequência, tendem a apresentar maiores dificuldades em reconhecer e atender as necessidades de seus bebês, o que pode afetar a relação mãe-bebê e contribuir para a manifestação de sintomas somáticos funcionais na criança. Tendo isso em vista, o presente trabalho objetivou verificar as percepções de mães alexitímicas sobre a maternidade e sobre o bebê que apresenta sintoma somático funcional. Trata-se de um estudo qualitativo, com delineamento de Estudo de Casos Múltiplos. Participaram três mulheres, identificadas com funcionamento alexitímico através da escala TAS-26, com idades entre 24 e 34 anos, cujos filhos possuem idades entre quatro e 26 meses e apresentaram pelo menos um sintoma somático funcional, apontado pelo Questionário de Sintomas Somáticos do Bebê. As participantes também responderam a Ficha de Dados Sociodemográficos e Clínicos, a Entrevista de História de Vida e a Entrevista sobre a Maternidade e o Relacionamento Mãecriança. Os casos foram construídos através de três eixos temáticos: 1. História de vida, 2. Maternidade e relação mãe-bebê, 3. Funcionamento alexitímico materno, e 4. Percepções sobre o bebê com sintoma somático funcional. Através da análise dos dados, foi possível identificar que as três participantes tiveram um relacionamento instável com seus pais na infância e/ou adolescência, e passaram por alguma experiência de abandono, o que pode ter contribuído para o desenvolvimento do funcionamento alexitímico. Nas entrevistas, percebeu-se dificuldade das participantes em narrar experiências utilizando o respectivo tom emocional para descrevê-las. Também verificou-se que as mães percebem o bebê como difícil e exigente, referindo sobrecarga no exercício das tarefas de cuidado. A manifestação de sintoma somático do bebê nos casos analisados pode estar relacionada à dificuldade da mãe em identificar-se com o bebê e atender suas demandas, o que exige que o bebê se defenda do excesso de angústia utilizando o seu sistema somático. Palavras-chaves: alexitimia, funcionamento alexitímico materno, maternidade, sintoma somático funcional, bebê

OS BENEFÍCIOS APRESENTADOS NA UTILIZAÇÃO DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS: REVISÃO DE LITERATURA.

Aline da Silva Lima e Marjane Bernardy Souza - Ulbra

Objetivo: Identificar os principais benefícios percebidos na utilização da Terapia Assistida por Animais (TAA). Método: Pesquisa bibliográfica, com busca nas plataformas de dados SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), foram coletados artigos publicados entre os anos 2011 à outubro de 2016. Baseado nos critérios de inclusão, foi localizado três artigos que foram utilizados para discussão. Resultados: Os principais achados neste estudo, foram que a Terapia Assistida por Animais é uma técnica utilizada com pacientes diversos e que apresentam benefícios físicos, emocionais e mentais. Podem apresentar de acordo com os dados redução da ansiedade, melhora na interação social, autonomia, estímulo e motivação em atividades físicas e melhora na postura educativa, dentre outros. Conclusão: Os resultados apontaram que a TAA pode desencadear diversos benefícios na vida de pacientes e que pode ser utilizada como complemento aos tratamentos pois percebe-se que ao ser incorporada a técnica da TAA, é possível identificar uma série de componentes benéficos na vida desses pacientes. Palavras-chaves: terapia assistida por animais, atividade assistida por animais, contribuições

RELATO DE EXPERIÊNCIA

MAPEAMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS PELA PSICOLOGIA NA ONCOLOGIA ADULTO E NÚCLEO DE CUIDADOS PALIATIVOS DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Camila da Luz Coiro e Mônica Echeverria de Oliveira - HCPA

O pôster tem o intuito de descrever as atividades realizadas pela equipe da psicologia que atua na área da oncologia adulto e cuidados paliativos do HCPA, focando nas atividades desenvolvidas nos últimos três anos. São apresentados dados numéricos de solicitações de consultoria e quantidade de pacientes atendidos pela equipe a nível de internação e ambulatorio, bem como apresentadas as modalidades de atendimentos realizados.

O objetivo é descrever as atividades realizadas pela equipe da psicologia com pacientes e familiares em acompanhamento na especialidade Oncologia Adulto e Núcleo Cuidados Paliativos (NCP). Contabilizar o número de pacientes e familiares atendidos pelo Serviço de Psicologia do HCPA nestas especialidades no período de junho de 2014 a junho de 2017.

As atividades assistenciais são descritas em forma de relato de experiência e os dados quantitativos foram coletados das planilhas de produtividade do Serviço de Psicologia do HCPA, internação, e do ambulatorio via sistema.

Durante estes últimos três anos o Serviço de Psicologia do HCPA atendeu cerca de três mil pacientes anualmente, sendo que destes cerca de novecentos foram dentro da especialidade de Oncologia Adulto e Cuidados Paliativos. Inicialmente esta especialidade só atendia a pacientes em regime de internação e ambulatorial a posteriori foi identificada a necessidade de expandir os atendimentos para outros setores pertencentes ao tratamento do Câncer como a Radioterapia e Quimioterapia, além de incluir atendimentos voltados as pacientes da Mastologia.

O trabalho da psicologia dentro da ala de Cuidados Paliativos também foi expandido e reformulado conforme as características mutáveis da unidade e a fim de atender a demanda emergente oriunda da mesma. Atualmente também são ofertados atendimentos para as crianças pertencentes as famílias que por ali fazem sua passagem.

Os dados revelam uma crescente demanda na área de Oncologia e Cuidados Paliativos e o quão relevante e benéfico é para pacientes e familiares o atendimento profissional qualificado e voltado para as especificidades dessas duas áreas. Palavras-chaves: oncologia, cuidados paliativos

“MENTIRA PIEDOSA” COMO UMA DAS PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO EM UM SERVIÇO DE CUIDADOS PALIATIVOS

Mônica Echeverria de Oliveira, Paula Gomes, Amanda Ayala Bianchi, Suzelmara Craidy e Dalvana Zago - HCPA

O paciente gravemente enfermo sabe inconscientemente sobre seu processo de adoecimento e finitude. Uma postura bastante recorrente e paternalista que ocorre é a evitação de uma conversa franca da equipe com o paciente e seus familiares sobre tal condição. Entretanto esta mesma postura pode ocorrer quando apenas uma parte dos envolvidos têm o conhecimento real dos fatos. Esta condição pode criar uma situação conhecida como “conspiração do silêncio”, que acaba criando um isolamento emocional, ficando de um lado o paciente e de outro a família, todos com sentimentos, dúvidas e anseios semelhantes, mas não compartilhados.

O presente trabalho teve como objetivos: Identificar como e de que forma ocorre a conspiração do silêncio no Núcleo de Cuidados Paliativos no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA); Como é a percepção dos profissionais da Psicologia que estão envolvidos nesse contexto; Identificar em quais contextos e relações se processa a conspiração do silêncio; Quais as consequências dessa prática.

A metodologia utilizada foi o relato de experiência.

Através da prática no núcleo de cuidados paliativos foi possível perceber por vezes a existência da conspiração do silêncio entre equipe- paciente-família, sendo utilizada a “mentira piedosa” como uma forma de comunicação. Em sua maioria, ocorre entre profissionais e familiares que evitam falar em terminalidade e morte, com a ideia de poupar o paciente, por achar que poderão aumentar sua dor, causar sofrimento e deprimí-lo.

Percebeu-se então que em situações onde ocorre a “conspiração do silêncio”, há dificuldade de trabalhar o luto, impedimento da finalização de assuntos importantes, despedidas, combinações, dificulta a expressão de sentimentos, gera isolamento e sentimento de abandono e não é permitido ao paciente a tomada de decisões, visto que o mesmo encontra-se sem informação fidedigna para tal. Palavras-chaves: cuidados paliativos, conspiração do silêncio, comunicação

ATUAÇÕES DO PSICÓLOGO EM CONTEXTO HOSPITALAR DA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA: UM RELATO INTEGRANDO ASSISTÊNCIA, ENSINO E PESQUISA

Sandra Regina Sallet, Alberto Manuel Quintana, Fernanda Nardino e Milena de Lima - UFSM

Introdução: No contexto de um Hospital escola, os profissionais das mais diferentes áreas atuam de modo a abranger a tríplice tarefa de desenvolver atividades de ensino, pesquisa e assistência. Objetivos: este relato abordará a aplicabilidade da Psicologia, verificada a partir de uma experiência pessoal, no âmbito da oncologia pediátrica de um Hospital Geral. Metodologia: descrição de ações na assistência, no ensino e na pesquisa. Resultados: Na assistência às crianças com câncer, a intervenção do psicólogo tem início desde a comunicação de más notícias, quando se configura o diagnóstico, seguindo-se ao tratamento medicamentoso propriamente dito com consequente longa

hospitalização, procedimentos invasivos e cirurgias. Esse processo implica em uma série variada de comportamentos e sentimentos expressos pelas crianças e pais. O câncer é percebido e relacionado a uma sentença de morte e sentimentos de medo e incerteza acompanham os familiares (Gomes, Lima, Rodrigues, Lima & Collet, 2013). Em razão do tratamento quimioterápico e do enfrentamento da hospitalização, são verificadas dores, desconforto físico, incapacidades, alterações da autoimagem, além de respostas emocionais. Família, equipe e paciente constituem a dinâmica em que o psicólogo atua, em se tratando de contextos hospitalares. A assistência de crianças com câncer implica em que a equipe multiprofissional de saúde entenda a situação de vulnerabilidade e fragilidade física, emocional e social. Isso exige competência técnica e científica para atuação e compreensão da fisiopatologia da doença e competência nas relações interpessoais para perceber as individualidades de cada pessoa no tratamento do câncer (Gomes et al, 2013). Destaca-se a atuação da Psicologia, através do suporte à equipe, diante das solicitações de seus membros e frente às demandas dos pacientes. Considerações finais: Em razão do estigma, das perdas e das representações sociais sobre o câncer, a Psicologia vai prover o suporte emocional para a criança e a família, além de orientações para o enfrentamento e fortalecimento frente a essas experiências, ações que são conduzidas também na interface com a pesquisa e o ensino e junto a uma equipe multidisciplinar. Destaca-se a integração com a Universidade ainda através da supervisão e coorientação de acadêmicos que realizam, no setor, estágios obrigatórios de Psicologia e da preceptoria aos residentes do Serviço. Palavras-chaves: psicologia, assistência, ensino, pesquisa

O CÃO COMO ESTRATÉGIA DE HUMANIZAÇÃO NO CONTEXTO HOSPITALAR

Rosângela Schuster e Denise Polonio - Univates

Introdução: Os processos de humanização no ambiente hospitalar requerem implementações reflexivas acerca dos princípios, valores, direitos e deveres que regem a prática dos profissionais de saúde. A partir do levantamento do cuidado realizado nas clínicas hospitalares do Brasil, é possível destacar que, por vezes, a prática dos profissionais de saúde encontram-se desumanizadas frente ao avanço tecnológico, resultando num cuidado assistencial de maneira mecânica. Neste sentido, consideramos a Terapia Assistida por Animais (TAA) um dispositivo de cuidado mais humanizado, considerando a singularidade dos sujeitos. Isto porque a TAA se configura numa intervenção que utiliza animais na interação entre sujeito adoecido e profissionais, com o objetivo de desconstruir o clima do ambiente hospitalar, melhorando as relações, reduzindo o impacto da doença e o stress e melhorando a adesão ao tratamento. **Objetivo:** Relatar estratégias de humanização e os benefícios da TAA no cuidado clínico destinado a pacientes hospitalizados em um hospital da região metropolitana de Porto Alegre - RS, mediante autorização do diretor do hospital, através de assinatura de carta de anuência. **Métodos:** Realizou-se observação da prática da TAA desenvolvida por meio de encontros mensais. Estes se deram de forma espontânea, sem a utilização de protocolos predefinidos, onde se observou a interação entre usuários, profissionais e cães. **Resultados:** Através das observações, constatou-se que a TAA configura-se como uma alternativa de produzir saúde, pois todos os envolvidos têm a oportunidade de inventar e criar formas inovadoras de cuidado, já que a interação entre os participantes acontece num espaço dinâmico, onde as possibilidades são múltiplas e o foco não está voltado para a doença, mas na promoção e prevenção da saúde dos sujeitos. Pelo exposto, observamos que a TAA traz consigo um aspecto humanizado para além das normas técnicas e procedimentos predefinidos. Assim, as intervenções através do animal podem facilitar a comunicação entre os usuários e os profissionais, instigando a participação dos sujeitos em seu próprio processo de cuidado de maneira mais ativa, pois se apresenta com artifícios mais afetivos e prazerosos. **Conclusão:** Concluiu-se que a TAA pode ser considerada um bom dispositivo que favorece a humanização no ambiente hospitalar, já que possibilita não apenas a reabilitação física do sujeito, mas a prevenção da saúde emocional, social e as funções cognitivas do usuário. Palavras-chaves: terapia assistida por animais, saúde, humanização

FATORES IMPLICADOS NA ADESÃO AO TRATAMENTO DE PACIENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS NA FISIATRIA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

Isabella Delacroix Santos Rigotti, Marina Westhelle Müller e Greice Toscani Chini - HCPA

O Serviço de Fisiatria e Reabilitação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre é um centro de serviços multidisciplinares, onde diversas áreas da saúde (Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia-Ocupacional, Psicologia e Assistência Social) oferecem formas de recuperação física, reequilíbrio psicoemocional e reintegração social e profissional do indivíduo com deficiência. São atendidos pacientes de diferentes idades com incapacidades provenientes de doenças neurológicas, reumatológicas, ortopédicas, traumatológicas e pulmonares. Independentemente da sua gravidade, a incapacidade crônica pode gerar importantes complicações tais como dor, depressão, isolamento social, distúrbios do sono, agressividade, comprometimento da função cognitiva, incapacidade funcional e diminuição da qualidade de vida (Santos et al., 2006). O processo de tratamento requer uma mudança de hábitos por parte do paciente, a fim de que esse assumira uma postura voltada para o autocuidado. A não adesão ao tratamento impacta na qualidade de vida do pacientes e de seus familiares, podendo acelerar a progressão da doença (Maldaner et al., 2008). Assim, pacientes que possuem sofrimento psíquico proveniente de suas limitações físicas são encaminhados por outros membros da equipe para receberem acompanhamento da Psicologia. Através de um relato de experiência de estagiárias de Psicologia que atuam no

Serviço de Fisiatria do HCPA, o presente trabalho objetiva identificar fatores que influenciam na adesão ao tratamento, bem como a importância do acompanhamento psicológico em pacientes crônicos. A adesão ao tratamento diz respeito a um processo multifatorial que pode estar relacionada a aspectos da doença (evolução, sintomas), do tratamento (duração, custo, complexidade, efeitos colaterais), dos profissionais da saúde (confiança, comunicação clara), do próprio paciente (história de vida, personalidade, tolerância a frustração) e da rede de apoio. Com o auxílio da psicoterapia, o indivíduo pode desmistificar tabus e fantasias em relação a doença, além de desenvolver habilidades e recursos para ajustar-se às mudanças. O acompanhamento psicológico a pacientes incapacitados no Serviço de Fisiatria visa a reestruturação psíquica do paciente, de maneira com que os auxiliem no enfrentamento da doença e na promoção da qualidade de vida. Cabe ao psicólogo entender a particularidade de cada paciente e trabalhar os aspectos psicodinâmicos que influenciam na adesão ao tratamento. Palavras-chaves: doença crônica, reabilitação, psicologia hospitalar

ACOMPANHAMENTO DA FAMÍLIA DE UM BEBÊ COM MALFORMAÇÃO CONGÊNITA FETAL

Cláudia Simone Silveira dos Santos, Adriane Gonçalves Salle e Elisa Brandão Taufer - HCPA

Introdução: Com o avanço da tecnologia é possível, através do exame de ultrassonografia obstétrica realizado no pré-natal conhecer, de forma mais aprofundada o bebê antes do nascimento. Além disso, a ultrassonografia também permite detectar alterações e levantar hipóteses diagnósticas no bebê que anteriormente só eram possíveis após seu nascimento. A partir de então um processo de cuidado com o casal e com a família é iniciado. Objetivo: Auxiliar o casal na elaboração do luto pelo filho idealizado para que invistam afetivamente no bebê real, ao longo do pré-natal. Método: Intervenção psicológica a partir da confirmação diagnóstica de malformação fetal, psicoterapia durante o pré-natal, visita na Unidade de Neonatologia e entrevista com equipe médica dessa unidade para que casal comece a adaptação. Após o nascimento, que conta com a presença do psicólogo na sala de parto por ser um momento bastante ansiogênico para os pais, o bebê é internado tendo o pai como acompanhante inicial. As intervenções passam a focar no vínculo pais-bebê, independente do desfecho do caso. Resultados: Por vezes a perda do filho é esperada e o espaço para os irmãos e familiares conhecerem o bebê é disponibilizado pela equipe, bem como o colo dos pais, quando esses manifestam desejo. Sabendo que o diagnóstico de malformação fetal acarreta uma série de implicações na vida dos familiares e do bebê, e que a tendência dos envolvidos é visualizar o quadro clínico apenas nos seus aspectos negativos, o papel decisivo do psicólogo e da equipe nesse contexto é intervir para que possam enxergar além de uma síndrome, o seu filho, que mesmo não sendo perfeito tal como planejado, continua sendo um ser humano único. Conclusões: Diante da complexidade se destaca a necessidade de múltiplos olhares, com a atuação em equipe para que se possa conhecer e refletir sobre as dificuldades e potencialidades características de cada paciente. Palavras-chaves: psicologia, malformação fetal, neonatologia

PSICOPROFILAXIA CIRÚRGICA COM CRIANÇAS E FAMILIARES EM PRÉ-OPERATÓRIO IMEDIATO NO BLOCO CIRÚRGICO EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Tatiana Prade Hemesath, Giovana Donassolo Fernandes Albornoz, Betina Vidal Damasceno e Marcos André Ramos Falkenbach - HCPA

A indicação de procedimento cirúrgico, em geral, produz sentimentos de ansiedade, insegurança e medo no paciente. Quando se tratam de crianças, o processo tende a ser mais complexo, pois possuem recursos limitados para lidar com situações não familiares, lançando mão de fantasias que preenchem as lacunas no âmbito do desconhecido. Nesse sentido, o presente trabalho pretende apresentar um relato de experiência de três alunos estagiários de psicologia, a partir da intervenção psicológica com crianças com indicação cirúrgica no Bloco Cirúrgico. Com o propósito de psicoprofilaxia cirúrgica, o atendimento busca contribuir para uma melhor percepção da realidade por parte do paciente, oferecendo recursos para que ele possa melhor elaborar seus medos ou expectativas. Para tanto, é desenvolvida uma abordagem lúdica, com a utilização de caixa de brinquedos. Dentro da mesma, a criança interage com materiais próprios para este momento, podendo reproduzir ativamente o que imagina que sofrerá passivamente como paciente cirúrgico. O atendimento, que dura cerca de 45 minutos, também tem como objetivo oferecer suporte ao familiar que acompanha o paciente. Durante a intervenção, o profissional da enfermagem e o anestesista se apresentam ao paciente, dando orientações sobre o procedimento anestésico e cirúrgico. É nosso papel auxiliar nessa comunicação e verificar se as informações fornecidas pelos profissionais foram devidamente compreendidas pelo paciente e familiar. A partir das intervenções realizadas, foram identificados aspectos prevalentes nas crianças, a saber: ansiedade diante da cirurgia, geralmente provocado pelo medo da anestesia e por desconhecimento do processo cirúrgico, com reações que variam desde agitação psicomotora até apatia. Nos familiares, também se verifica a ansiedade como sentimento prevalente, muitas vezes relacionada a receios sobre a anestesia ou ao medo do desconhecido e da morte. Uma comunicação eficaz entre a família e a equipe reduz a falta de informações e, como consequência, auxilia na diminuição da ansiedade frente ao desconhecido. A partir das nossas vivências, podemos perceber que o trabalho realizado pela Psicologia no Bloco Cirúrgico traz resultados positivos para os pacientes e suas famílias, permitindo um enfrentamento mais saudável deste processo. Para a equipe cirúrgica, a intervenção realizada também tem efeitos satisfatórios, pois assim recebem um paciente mais tranquilo e com melhor compreensão acerca do procedimento. Palavras-chaves: psicoprofilaxia cirúrgica, bloco cirúrgico, atendimento com crianças

ANSIEDADE E DEPRESSÃO NA EPILEPSIA REFRACTÁRIA: AVALIAÇÃO DE PACIENTES INTERNADOS PARA VIDEOMONITORIZAÇÃO EM UM HOSPITAL GERAL

Juliana Unis Castan, Fernanda Rohrsetzer e Ana Carolina Weigel - HCPA

Introdução: Epilepsia é uma doença neurológica crônica caracterizada por crises convulsivas recorrentes. O tratamento cirúrgico em pacientes com epilepsia refratária visa a melhoria na qualidade de vida através do melhor controle das crises. A avaliação pré-cirúrgica pode ser composta por monitorização e registro de crises através de vídeo eletroencefalograma, exame de neuroimagem e testagem neuropsicológica. A avaliação neuropsicológica, além de ser uma ferramenta para investigação de funções cognitivas, permite identificar sintomas de ansiedade e depressão, fatores que tendem a ter um impacto na recuperação e funcionalidade dos indivíduos. **Objetivo:** Verificar níveis de ansiedade e depressão em pacientes internados para videomonitorização em leitos da internação na Unidade de Epilepsia em um hospital geral universitário. **Método:** Realizou-se um levantamento dos dados referentes à pontuação nas Escalas Beck de Ansiedade (BAI) e de Depressão (BDI) de pacientes internados para videomonitorização da epilepsia, submetidos à avaliação neuropsicológica no ano de 2016. **Resultados:** Dos 30 pacientes submetidos a avaliação neuropsicológica, 25 responderam a escala BAI e 24 responderam a escala BDI. Com relação à ansiedade, 44% dos pacientes apresentaram sintomas em nível mínimo, 20% em nível leve, 24% em nível moderado e 12% em nível grave. Já em relação à depressão, em torno da metade dos respondentes (46%) apresentaram sintomas de depressão em nível mínimo, 8% em nível leve, 33% dos pacientes em nível moderado e 13% em nível grave. **Conclusão:** Há evidências da presença de sintomas de ansiedade e depressão na população de pacientes com epilepsia. Ressalta-se a importância da avaliação destes sintomas para efetivo encaminhamento, possibilitando, assim, uma mudança significativa na qualidade de vida desses pacientes. **Palavras-chaves:** epilepsia refratária, ansiedade, depressão

ROTINA DE ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM URGÊNCIA E EMERGÊNCIA EM CUIDADOS INTENSIVOS EM UM HOSPITAL GERAL

Gabriel Steffen, Mariana Rodrigues Pereira e Halita Rodrigues da Silva - HRHDS

O Hospital Regional Hans Dieter Schmidt (HRHDS) é um hospital estadual 100% SUS que atende o município de Joinville e região e presta atendimento ambulatorial, internação, urgência e emergência, sendo referência em psiquiatria, infectologia, cardiologia, gastroenterologia, nefrologia, pneumologia, cirurgia bariátrica e Unidade de Terapia Intensiva (UTI) geral e cardiológica. Cada uma das UTIs conta com 10 leitos. A UTI é uma unidade complexa destinada a pacientes graves ou de risco que requerem assistência permanente e monitorização contínua. A internação em uma UTI ocorre geralmente de forma abrupta. As reações psicológicas decorrentes disso são as mais diversas e dependem de fatores anteriores à internação, como estrutura de personalidade, história de vida e importância dada aos cuidados de saúde, tipo de patologia atual, prognóstico, suporte social e familiar, espiritualidade, relação com equipe de cuidado-paciente e estratégias de enfrentamento. A equipe de Psicologia na UTI do HRHDS conta com um psicólogo e três residentes. O objetivo deste estudo é descrever o trabalho desenvolvido pela equipe de psicologia nas UTIs deste hospital. Este resumo é um relato de experiência sobre a construção de uma rotina de atendimento na UTI do HRHDS. Os atendimentos aos pacientes das UTIs seguem uma rotina diária, que foi baseada nos critérios de pedido da equipe assistencial, leitura e identificação de demanda psicológica via prontuário e fator idade. Tais critérios são adotados em vista do volume crescente da demanda por assistência psicológica na UTI. Dentro da rotina de acompanhamento psicológico estão os seguintes itens: verificar prontuário; apresentar os serviços de Psicologia ao paciente e à família; atender e monitorar paciente e familiares diariamente; elaborar diagnóstico e informações baseadas na avaliação psicológica; encaminhar a serviços de atendimento psicológico. A partir da estruturação de uma rotina de atendimento psicológico na UTI, foi possível reorganizar o trabalho do psicólogo dentro desse setor e alcançar maior visibilidade desse profissional perante a equipe. O trabalho do psicólogo no hospital ainda gera dúvidas tanto para a equipe quanto para os usuários desse serviço. Estabelecer uma rotina de atendimento dentro da UTI contribui para minimizar essas dúvidas e, consequentemente, para um maior reconhecimento do profissional no setor. **Palavras-chaves:** psicologia hospitalar, psicólogo hospitalar, unidade de terapia intensiva.

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM SITUAÇÕES DE CRISE: EFEITOS TERAPÊUTICOS EM UMA ÚNICA INTERVENÇÃO

Jéssica Sartori Ribeiro, Ana Caroline Roehrs Santana, Grazielle Testa Dulus, Priscila Schonarth e Sonia Mara Arena de Souza - HPS-POA

O Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre (HPS-POA) é referência no atendimento de urgência e emergência a pacientes vítimas de trauma. Geralmente, a procura por esse local acontece a partir da súbita ocorrência de sintomas de ordem física e/ou emocional, os quais necessitam de cuidados emergenciais. Essas situações são geradoras de estresse, visto sua imprevisibilidade e os riscos que representam à integridade física e emocional do indivíduo, colocando-o em uma situação de crise. Nesse sentido, as reações emocionais dependerão dos recursos psíquicos e sociais disponíveis, podendo ser um marco para a mudança que permitirá um melhor funcionamento, ou caso contrário, ameaçar a saúde mental do indivíduo. A intervenção psicológica em crise tem o intuito de conhecer as competências e habilidades do sujeito, assim como auxiliar no enfrentamento do evento estressor. A partir da experiência prática no hospital, evidencia-se que a escuta do psicólogo na emergência vai além da avaliação diagnóstica e dos encaminhamentos, produzindo também efeitos terapêuticos positivos, muitas vezes, em um único atendimento. O acolhimento do sujeito possibilita que o mesmo possa dar significado à situação de crise vivenciada, diminuindo a possibilidade do surgimento de sintomas que acarretariam sofrimento psíquico maior, bem como aumento da motivação para a busca de tratamento psicológico posterior, sendo a intervenção precoce em saúde mental a maneira mais efetiva de prevenção de transtornos mentais após um evento traumático. Palavras-chaves: psicologia, emergência, intervenção em crise

ACOLHIMENTO DA PSICOLOGIA A TRABALHADORES DE UM HOSPITAL GERAL DE ALTA COMPLEXIDADE

Ana Luísa Poersch, Márcia Ziebell Ramos, Marília Netz Bento, Giovana de Andrade, Adriana Mokwa Zanini e Desirée Luzardo Cardozo Bianchessi - HCPA

INTRODUÇÃO: A Política Nacional de Saúde do Trabalhador busca identificar as necessidades, demandas e problemas de saúde dos trabalhadores; analisar a situação de saúde e intervir nos processos e ambientes de trabalho. O contexto hospitalar de alta complexidade é peculiar, devido à exposição ao sofrimento e morte do paciente. É necessária articulação entre profissionais para atingir resultados não encontrados em outros contextos do sistema de saúde, demandando trabalho em equipe e comunicação efetiva. Assim, o trabalhador está sujeito a riscos, e a atenção à sua saúde mental é fundamental. Toma-se o dispositivo do acolhimento da Política Nacional de Humanização como diretriz dos modos de se produzir saúde e como ferramenta relacional de intervenção na escuta. **OBJETIVO:** Identificar e analisar os principais motivos que levaram funcionários a buscar a Psicologia do Trabalho, em um hospital geral de alta complexidade. **MÉTODO:** Estudo transversal, a partir do motivo de busca dos funcionários para acolhimento com a Psicologia do Trabalho, que consiste na procura individual e espontânea (mesmo que indicada) do funcionário. O acolhimento foi implantado em novembro de 2016 no Serviço de Medicina Ocupacional, e analisou-se os atendimentos realizados até maio de 2017. Os motivos de busca foram separados em seis categorias. Os dados foram computados no Microsoft Excel 2010, e então calculou-se a porcentagem de cada categoria. **RESULTADOS:** O motivo predominante para busca de atendimento foi relações hierárquicas no trabalho (39,29%; n=33), seguido respectivamente por razões pessoais (23,81%; n=20), processos de trabalho (15,48%; n=13), relações horizontais no trabalho (10,71%; n=9), violência urbana ou doméstica (5,95%; n=5) e violência na relação assistencial no trabalho (4,76%; n=4). **CONCLUSÕES:** O dispositivo do acolhimento possibilita uma escuta qualificada aos trabalhadores, identificando melhor suas demandas para o encaminhamento adequado das mesmas e planejamento de estratégias de intervenção institucional coerentes com as necessidades identificadas. Apesar da evolução da organização do trabalho hospitalar, observa-se que as relações hierárquicas seguem mobilizando os trabalhadores, uma vez que representam mais de um terço do motivo de busca para atendimento. Pode-se relacionar a alta exigência do trabalho em equipe que ainda necessita de aperfeiçoamento. Toma-se este dado como indicador de necessidade de intervenção de forma mais ampliada na alta complexidade. Palavras-chaves: psicologia do trabalho, acolhimento, alta complexidade.

ABORDAGEM PSICOLÓGICA NA PERDA FETAL

Diene de Freitas Claas, Adriane Gonçalves Salle, Cláudia S. Silveira dos Santos, Elisa Brandão Taufer e Mariana Consoni - HCPA

Introdução: A concepção de maternidade está diretamente relacionada a sentimentos de alegria, vida, sinônimo de sucesso. É uma fase marcada por transições, que englobam a necessidade de reestruturação e reajustamento. Quando ocorre o óbito de um filho antes ou após o seu nascimento, rompe com a ordem natural da vida. As expectativas referentes a ele, os sonhos, os planos, as esperanças são interrompidas. **Objetivo:** Auxiliar os pais no enfrentamento notícia do óbito fetal e no início do processo de luto. **Método:** Intervenção psicológica com o casal, no Centro Obstétrico, após confirmação do óbito. **Resultados:** Sentimentos de fracasso, inferioridade e incapacidade de gerar o próprio filho. A perda fetal dificilmente é reconhecida e validada socialmente. A maneira com a notícia do óbito fetal é noticiada aos pais é difícil tanto para estes como para a equipe, pois é necessário um espaço para que os sentimentos da perda possam ser expressos. Como a perda é algo inesperado, retomar a história da gestação e a organização da família para a chegada do bebê se faz importante para que o casal consiga resgatar a história desse bebê para, então, vivenciar o processo de luto. Pensar em uma nova gestação, nesse momento, não se mostra como uma estratégia adequada, pois abrevia o enfrentamento do luto. Após o nascimento do bebê, é importante estimular para que os pais o conheçam, mesmo sem vida. Isso faz com que fantasias posteriores se criem e atrapalhem no processo de luto, atrapalhando em uma nova maternidade no futuro. **Conclusões:** O acompanhamento psicológico do casal diante da perda fetal se faz importante no que diz respeito ao acolhimento em um momento extremamente delicado, frágil e solitário desta família. **Palavras-chaves:** maternidade, perda fetal, psicologia

PROGRAMA DE PSICOEDUCAÇÃO BREVE PARA ACOMPANHANTES DE PESSOAS COM TRANSTORNO MENTAL GRAVE EM TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO HOSPITALAR

Flávia Moreira Lima, Vanessa Menegalli, Thais Selau, Pedro Vieira da Silva Magalhães e Adriane Ribeiro Rosa - UFRGS

Introdução: A psicoeducação familiar é uma parte essencial do tratamento de pessoas com transtorno mental grave (TMG), porém esta relevante intervenção é subutilizada. Versões reduzidas de psicoeducação familiar foram descritas na tentativa de torná-la mais atrativa, eficiente e viável. **Objetivos:** Considerando a falta de intervenção manualizada para famílias no Brasil, nosso estudo apresenta uma proposta para implementar e avaliar a viabilidade do Programa de Psicoeducação Breve para acompanhantes de pessoas com transtorno mental grave (PPB) durante o tratamento psiquiátrico hospitalar desses pacientes. **Métodos:** Foi realizada uma extensa revisão da literatura (PubMed/MEDLINE) usando uma combinação das palavras: "psicoeducação familiar"; "transtorno mental grave"; "esquizofrenia"; "transtorno bipolar" com o objetivo de selecionar estudos sobre grupos de psicoeducação familiar. Estudos envolvendo adultos com transtorno mental grave publicados até março de 2017 foram incluídos. **Resultados:** A partir dos resultados encontrados na revisão da literatura, e em encontros com especialistas em TMG (equipe do Laboratório de Psiquiatria Molecular do Hospital de Clínicas de Porto Alegre), foram definidas as quatro sessões do programa padronizado (PPB): 1) causas, sintomas, curso, prognóstico e estigma dos transtornos mentais graves; 2) tratamento; 3) recursos comunitários, habilidades de comunicação e importância de hábitos saudáveis e regulares; 4) estratégias de resolução de problemas: prevenção de recaídas e estabelecimento de planos para momentos de crise. As sessões serão realizadas semanalmente, com 8-12 acompanhantes e duração de 90 minutos. Os pacientes não participarão do grupo. **Conclusões:** Acreditamos que PPB é uma intervenção padronizada, breve e simples de ser aplicada. Esperamos que este programa demonstre ser viável e adequado para acompanhantes de pacientes com TMG, e se torne uma intervenção útil e eficaz. **Palavras-chaves:** psicoeducação, transtorno mental grave, acompanhantes

O PAPEL DO PSICÓLOGO JUNTO À EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NA INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Juliana Basso Brun, Sabrina Fernanda Adão, Carine da Silva Budzyn e Tatiana Prade Hemesath - HCPA

A Psicologia Hospitalar, como especialidade da psicologia, vem crescendo ao longo dos anos no país, porém grande parte do que existe na literatura sobre o tema ainda retrata o profissional como mero consultor de equipes, realizando avaliações e atendimentos de maneira isolada. Há poucos estudos desenvolvidos sobre o papel do psicólogo junto aos processos de tomada de decisão nas equipes médicas, ou mesmo exercendo função de intermediário na comunicação entre pacientes-família-equipe. O presente trabalho tem como objetivo descrever, através de um relato de experiência, o processo de participação de psicólogas residentes em espaço de discussão de casos, denominado "round", composto por equipe multidisciplinar que acontece na internação pediátrica de um hospital-escola do sul do país. As psicólogas participam diariamente destas discussões sobre os pacientes internados, onde ocorrem não apenas compartilhamento de saberes de cada uma das áreas de conhecimento, mas também encaminhamentos conjuntos sobre os casos assistidos. Esta posição permite uma atuação no papel de observadoras-participantes, sinalizando questões subjetivas para a equipe, mediando as relações médico/paciente/família, e proporcionando suporte nas decisões da equipe. A possibilidade de inserção no cotidiano da unidade de internação possibilita ao psicólogo estar atento aos acontecimentos, sejam eles manifestos ou latentes. A partir disso pode-se auxiliar a

equipe na construção de um plano terapêutico adequado para cada paciente, levando em conta suas particularidades. A atuação descrita torna-se possível, pois há, nestes momentos de discussão, uma relação de confiança construída com a equipe como um todo, o que proporciona que o psicólogo tenha espaço para posicionar-se ativamente, comunicando à equipe as questões pertinentes e salvaguardando, por outro lado, o que está no âmbito da confidencialidade da relação terapeuta/paciente. Diante dessa experiência, percebemos que a intervenção do psicólogo hospitalar deve ser mais ativa, construindo a demanda junto à equipe e, desse modo, compartilhando a responsabilidade pelo cuidado. Palavras-chaves: psicologia hospitalar, discussão de casos, tomada de decisão, equipe multidisciplinar, papel do psicólogo

A AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA: O TRABALHO EM EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NA UNIDADE DE EPILEPSIA REFRACTÁRIA EM HOSPITAL GERAL

Fernanda Rohrsetzer, Juliana Unis Castan e Ana Carolina Weigel - HCPA

Introdução: Epilepsia é uma doença neurológica crônica que se caracteriza por crises epiléticas recorrentes. Parte significativa dos pacientes com epilepsia não responde ao tratamento medicamentoso, podendo se beneficiar do tratamento cirúrgico. A avaliação neuropsicológica, ferramenta de investigação de funções cognitivas e seus diversos componentes, permite identificar funções preservadas e prejudicadas, auxiliando na indicação cirúrgica, além de fornecer uma medida de base para avaliar possíveis ganhos e declínios em uma avaliação pós cirúrgica. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é descrever a demanda de avaliação neuropsicológica na Unidade de Epilepsia, em um hospital geral universitário. **Método:** Através do sistema de informação eletrônico do hospital, foi realizado levantamento das avaliações neuropsicológicas realizadas pelo Serviço de Psicologia durante o ano de 2016, solicitadas pela equipe da unidade de Epilepsia. Esta unidade dispõe de dois leitos adaptados para internação de pacientes com epilepsia refratária, sendo que a avaliação pré-cirúrgica é composta por monitorização e registro de crises através de vídeo eletroencefalograma, exame de neuroimagem e testagem neuropsicológica. **Resultados:** Das 49 internações de pacientes com vistas à exploração diagnóstica da epilepsia, foram recebidas 29 solicitações de avaliação neuropsicológica. Destas, 29% foram concluídas com êxito e liberadas no sistema informatizado do hospital, sendo o tempo médio entre a solicitação e a liberação dos resultados de 13 dias. Aproximadamente 10%, foram canceladas devido à alta do paciente antes do término da avaliação. **Conclusão:** Ressalta-se a importância da avaliação neuropsicológica dentro desta proposta de atendimento, auxiliando no aprimoramento da análise para indicação cirúrgica, buscando precisão no parecer para encaminhamento e tratamento adequado. Palavras-chaves: avaliação Neuropsicológica, epilepsia

PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NO ATENDIMENTO AO PACIENTE ONCOLÓGICO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Denise Fabiane Polonio, Ana Júlia Arend, Marina Back, Mariana Portela de Assis, Michele Beatriz Konzen, Nathália Grave, Gisele Dhein e Giseli Vieceli Farinhas - Hospital Bruno Born

Introdução: O Ministério da Saúde criou em 2012 a Lei Federal nº 12.732 que dispõe sobre o tratamento do paciente oncológico no Sistema Único de Saúde (SUS). A partir desta, implementou-se em 2013, a Política Nacional para a Prevenção e Controle do Câncer com o objetivo de reduzir a mortalidade, as incapacidades causadas pela doença e a incidência de alguns tipos de câncer. Além de contribuir para a melhoria da qualidade de vida por meio de ações de promoção, prevenção, detecção precoce, tratamento oportuno e cuidados paliativos. Em 2005, os Ministérios da Educação e Cultura e Saúde desenvolveram programas de residência multiprofissionais em hospitais gerais, possibilitando a inserção de profissionais da saúde nestes espaços. **Objetivo:** Relatar a experiência da inserção de uma equipe de Residentes na atenção ao paciente oncológico. **Método:** Relato de experiência de profissionais do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde: Atenção ao Paciente Oncológico, a partir da realização de atendimentos individuais e atividades grupais para pacientes oncológicos no espaço hospitalar. O programa é resultado de uma parceria entre Hospital Bruno Born, UNIVATES e municípios de Lajeado e Estrela/RS e constitui uma equipe de 12 residentes, contemplando as áreas de Enfermagem, Nutrição, Psicologia e Farmácia. **Resultados:** As novas estratégias de cuidado ao paciente oncológico no ambiente hospitalar implicam na tentativa de compreensão do sujeito para além da doença, viabilizando a atuação de uma equipe multidisciplinar que realize trocas entre as diferentes áreas e busque o cuidado integral do sujeito. Tais estratégias possibilitam maior efetividade no tratamento, pois, além de promover ações que visem conhecer o contexto em que o paciente e familiares estão inseridos, auxilia-os na elaboração do sofrimento decorrente da descoberta da doença, na readaptação à nova rotina imposta pelo tratamento e na resolução das dificuldades vivenciadas. Somado a isso, amplia as ações de prevenção da doença e promoção da saúde, visto que pacientes e familiares tornam-se ativos no seu processo de cuidado e juntamente com os profissionais refletem sobre as estratégias que serão adotadas após a alta hospitalar. **Conclusões:** A experiência vivenciada neste Programa de Residência possibilitou atuar de maneira multidisciplinar no atendimento ao paciente oncológico, bem como ampliar as possibilidades de intervenção perante este sujeito e contribuir para a qualificação no atendimento prestado. Palavras-chaves: multidisciplinariedade, atenção, paciente oncológico

AS REPERCUSSÕES DO DIAGNÓSTICO DE CÂNCER EM PACIENTES ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thais Aizemberg Avritchir, Jade Silveira da Rosa e Daniela Andrighetto Barbosa - HCPA

A adolescência pode ser representada por intensas mudanças relacionadas aos aspectos biopsicossociais do indivíduo. O adolescente, em pleno vigor físico, vivenciará uma ambivalência de sentimentos e desejos ao buscar autonomia a fim de construir a sua própria identidade. Podem ocorrer crises e desequilíbrios emocionais nessa etapa, da mesma forma que a vitalidade e a onipotência manterão o adolescente distante da possibilidade de adoecimento e ameaça de morte. Entretanto, sabe-se que o jovem não está imune a essa realidade. Diante da descoberta do diagnóstico de câncer, tem-se uma modificação significativa na autoestima do paciente e na sua maneira de perceber o mundo, alterando a rotina e interferindo em seus investimentos. O tratamento e a consequente hospitalização exigem do adolescente adaptações e estratégias de enfrentamento, visto repercutirem nos âmbitos biopsicossociais e espirituais de sua vida. Dessa forma, o acompanhamento psicológico surge como uma possibilidade de resgatar as potencialidades do sujeito, favorecendo a adesão ao tratamento e a qualidade de vida. Frente a isso, tem-se por objetivo explanar as repercussões do adoecimento oncológico para o adolescente e o auxílio do acompanhamento psicológico durante esse processo por meio de um relato de experiência da Equipe de Psicologia que atua na Unidade de Oncologia Pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Nesse contexto, o acompanhamento do paciente oncológico é realizado por uma equipe multiprofissional, visando uma assistência integral que atente para as repercussões que a doença acarreta em sua vida. Sabe-se que as recorrentes internações, o consequente afastamento dos amigos e da vida escolar, os procedimentos invasivos e, por vezes, mutiladores, acentuam os sentimentos de angústia e incerteza próprios da adolescência. Ainda, os efeitos adversos do tratamento relacionados a alterações da autoimagem corporal podem configurar-se como uma ferida narcísica para o adolescente. O acompanhamento psicológico se mostra essencial na prevenção e redução dos sintomas físicos e psíquicos, auxiliando o paciente a confrontar-se com o seu diagnóstico e tratamento por meio da expressão dos sentimentos e do encontro de estratégias de enfrentamento adaptativas. Em suma, percebe-se que o impacto do diagnóstico de câncer no adolescente permeia muitos âmbitos da sua vida, tornando-se indispensável o acompanhamento psicológico durante todo o tratamento. Palavras-chaves: adolescência, câncer, acompanhamento psicológico

ATRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO HOSPITALAR EM UMA UNIDADE DE CUIDADOS PALIATIVOS

Adriana F. Silva, Amanda Ayala Bianchi, Ângela Maria Diehl, Daiane da Rosa de Lima, Michele Costella, Suzelmara de Mello Craidy e Mônica Echeverria de Oliveira - HCPA

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) cuidados paliativos são definidos como cuidados ativos e totais, objetivando a qualidade de vida para pacientes e familiares, no que se refere à sensação de dor, sintomas psicológicos, sociais e espirituais. O objetivo deste trabalho é apresentar as atribuições possíveis do psicólogo hospitalar no Núcleo de Cuidados Paliativos do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). O método utilizado é o de relato de experiência dentro da referida unidade. O psicólogo através de psicoterapia breve, de apoio, e focal busca auxiliar pacientes e familiares a melhor manejar e compreender a doença ameaçadora da continuidade da vida, bem como, aspectos relacionados à percepção da morte; alterações da rotina em decorrência da enfermidade e processo de luto. Ser um facilitador no processo de resignificação da vida e compreensão da morte como um processo natural. Dessa forma, a responsabilidade do psicólogo em ambiente de alta complexidade configura-se pela possibilidade de atendimento individual (a pacientes e familiares), grupos de apoio aos familiares (momento de escuta e enlutados), reuniões de equipe, rounds multiprofissionais, supervisões e reuniões de equipe da psicologia. A atuação do psicólogo possibilita que o paciente paliativo possa melhor administrar sentimentos, conquistar uma comunicação mais assertiva com familiares e equipe assistente. Percebe-se que as necessidades dos pacientes que vivenciam o processo de hospitalização aludem significativa atenção devido ao grande impacto emocional vivenciado diante do processo de luto e enfrentamento da finitude. Palavras-chaves: atribuições do psicólogo, psicólogo hospitalar, cuidados paliativos

O ATENDIMENTO PSICOLÓGICO DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA EM UMA ABORDAGEM HOSPITALAR

Manuela Almeida da Silva Santo - HMIPV

A violência é um fenômeno complexo, multideterminado e produz inúmeras consequências na dimensão biopsicossocial do indivíduo. No contexto da infância, a violência, em qualquer que seja a sua forma, traz agravos importantes à saúde das crianças, podendo comprometer seu desenvolvimento atual e em fases posteriores da vida. Assim, é fundamental a inserção do psicólogo nos atendimentos de crianças vítimas de violência que chegam ao hospital, pois este profissional está mais capacitado para compreender dinâmicas familiares e o sofrimento advindo dessa experiência traumática. Palavras-chaves: psicologia hospitalar, violência contra crianças

ENTRADA DE CRIANÇAS NO CTI: ELABORAÇÃO DE PROTOCOLO PARA UMA PRÁTICA MAIS SEGURA

Waleska Jerusa de Souza Mendonça, Bárbara Imperador da Rosa, Bruna Oliveira Lira e Rita Gigliola Gomes Prieb - HCPA

Introdução: A entrada de crianças em Centro de Terapia Intensiva (CTI) é uma prática pouco estudada e explorada, a qual raramente é oferecida aos pacientes e suas famílias. Há estudos que apontam que o maior receio se deve ao temor que a criança adquira uma infecção, mas outros autores mostram o quão difícil é lidar com as demandas emocionais despertadas pelas crianças. A visita de crianças em unidades críticas ainda gera inúmeras discussões entre os profissionais da saúde; talvez por essa razão, poucas instituições possuem políticas de entrada de crianças. Diante dessa perspectiva, torna-se fundamental que os profissionais estejam habilitados a acolher esta demanda tão solicitada pelas famílias no CTI. Objetivo: Apresentar o protocolo de avaliação psicológica para liberação de visitas de crianças utilizada por um hospital universitário de Porto Alegre/RS. Método: Relato de experiência. Resultados: A internação hospitalar pode produzir na criança uma sensação de ruptura e desagregação do sistema familiar, o que pode gerar importante sofrimento psíquico e fantasias de perda e abandono. Tais sentimentos podem influenciar significativamente na adaptação da família e do paciente à internação. Assim, possibilitar a visita visa minimizar os efeitos emocionais desta separação e auxiliar a família a enfrentar esse período de crise. Diante disto, foi desenvolvido um protocolo de avaliação psicológica que nos permite avaliar as condições emocionais da criança para que ela possa realizar a visita a seu familiar de forma segura. Assim, o processo inicia-se pela avaliação psicológica da estrutura emocional da criança. Após, verifica-se se o desejo da visita é legítimo; uma vez liberada a entrada, realiza-se o acompanhamento pré, durante e pós visita. Conclusão: Ações como esta podem ser benéficas a todos quando conduzidas de forma segura. Por isso, é fundamental que se discutam formas de protocolos que possam facilitar o manejo para a liberação da visita de criança em ambientes de CTI. Palavras-chaves: entrada de crianças, unidade de terapia intensiva, avaliação psicológica

INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS NO CTI: POSSIBILIDADES DE CUIDAR DO PSÍQUICO NO INTENSIVISMO

Bárbara Imperador da Rosa, Bruna Oliveira Lira, Rita Gigliola Gomes Prieb e Waleska Jerusa de Souza Mendonça - HCPA

Introdução: A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um ambiente de cuidados intensivos de saúde, capaz de potencializar estados emocionais que interferem na evolução do paciente¹. Diante deste cenário, o trabalho do psicólogo propõe-se a identificar estes aspectos emocionais, e realizar intervenções que vão além do atendimento ao paciente e familiar. Objetivo: Relatar o trabalho realizado pelo serviço de psicologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Método: Relato de experiência das intervenções psicológicas realizadas na UTI. Resultado: Intervenções psicológicas como acolhimento, psicoterapia de apoio, manejo em situações de luto e intervenções em crise, buscam auxiliar pacientes e familiares suscetíveis à fragilidade emocional no que tange ao enfrentamento dessas questões. A respeito de intervenções em grupo, apresenta-se o grupo de apoio a familiares, psicoeducação e planejamento de alta. Quanto às intervenções com a equipe multiprofissional, utiliza-se de ferramentas de capacitação de equipe com o uso de metodologias ativas, como a simulação realística², a qual visa, entre outros fins, a prevenção da Síndrome de Burnout. Ademais, o psicólogo dispõe de um papel fundamental junto à equipe, participando efetivamente de grupos de trabalho e aprimorando protocolos assistenciais já existentes. Há outras questões que tangem a humanização do atendimento em UTI e que estão relacionadas à dinâmica da unidade, como a visita de crianças e cuidados paliativos, além do estímulo a comunicação efetiva entre os profissionais, como medida que visa diminuir erros e otimizar o cuidado³. Conclusão: O psicólogo intensivista tem um amplo espectro de atuação, que vai desde o manejo de famílias e pacientes, até o cuidado com a equipe. Percebe-se que o que possibilita este fazer é a capacidade de gerenciar atividades na prática assistencial. Portanto, todas as necessidades que emergem são avaliadas pelo psicólogo, que definirá a abordagem mais adequada. Pode-se afirmar que a ampliação de possibilidades de gestão no cuidado em saúde tem como objetivo primordial o cuidado centrado no paciente. Palavras-chaves: psicologia hospitalar, unidade de terapia intensiva, psicologia, intensivismo

O TRABALHO COM PAIS E BEBÊS EM UMA UNIDADE DE TRATAMENTO INTENSIVO NEONATAL (UTIN)

Mariana Flores Frantz e Tagma Marina Schneider Donelli - UNISINOS

O parto prematuro e a hospitalização do bebê costumam gerar medo, frustração e culpa nos pais pela separação imposta. Isso pode dificultar a relação inicial pais-bebê e a fragilidade corporal pode impedir os pais de suportar nele um sujeito. O psicólogo pode auxiliá-los a situar o bebê real na história familiar facilitando essa relação fundamental para sua constituição psíquica. Objetivou-se descrever a experiência do psicólogo no trabalho com pais e bebês internados numa UTIN. Trata-se de um relato de experiência que se realiza há cinco meses em um hospital da região da campanha do RS na UTIN. Considerou a observação da rotina da unidade e da relação pais-bebê, e a escuta clínica pela psicanálise. Ainda que os pais passem pela mesma experiência de ter seu bebê internado, vivenciam esse processo singularmente. Alguns, conversam com os bebês e projetam características familiares e projetos futuros. Outros ficam em silêncio sem tocá-los absorvidos pelo medo de perdê-los. Muitas vezes, quando a equipe dirige-se ao bebê, nomeando suas manifestações e considerando-o como sujeito, mostra aos pais que seu filho está ali e é capaz de responder. É comum vê-los desautorizados de suas funções, não sabendo como cuidar de um bebê envolvido por equipamentos. O parto interrompido lhes mostra que a equipe é que compreende suas necessidades e sabe como cuidá-lo. Contudo, profissionais mais sensíveis, facilitam essa relação e encorajam os pais a se apropriar dos cuidados, os incentivando a amamentar, dar banho, falar e a conhecê-los projetando, concomitantemente, características suas. Há pais que pouco visitam e não dirigem palavras ao filho porque já vivenciaram a perda de outros, sendo difícil investir nesse que igualmente poderá não sobreviver. Assim, só conseguem quando também são investidos por eles, ou seja, quando evoluem. Pais de prematuros ensinam a ter paciência e comemorar pequenas vitórias, como gramas ganhas, minutos sem uso do oxigênio ou o primeiro colo. Diariamente, é possível ver lágrimas, ouvir histórias, ver casais se tornarem pais e crianças serem vestidas com alegria para alta, ou “escutar” o silêncio diante da morte. A escuta na UTIN evidencia a relevância da relação inicial na constituição psíquica da criança e na “criação” dos pais. O papel do psicólogo não segue protocolo, às vezes, ser tradutor das expressões do bebê, estar junto aos pais para que invistam no filho frágil, como o que nomeia a dor parental ou como testemunha da angústia da equipe. Palavras-chaves: UTI Neonatal, pais-bebê, psicanálise